

DEVIDO A EXPLOSAO DE UMA BOMBA**REDUZIDO
em 90 por cento
o abastecimento
de água a Lisboa**

O rebentamento de uma carga explosiva na principal conduta de água que abastece Lisboa, ocorrido esta madrugada perto da Póvoa de Santa Iria, fez reduzir em 90 por cento o caudal do tão precioso líquido. A explosão, que se verificou às 2 horas, causou um rombo de cerca de um metro, sendo muito elevados os prejuízos na secção da referida conduta.

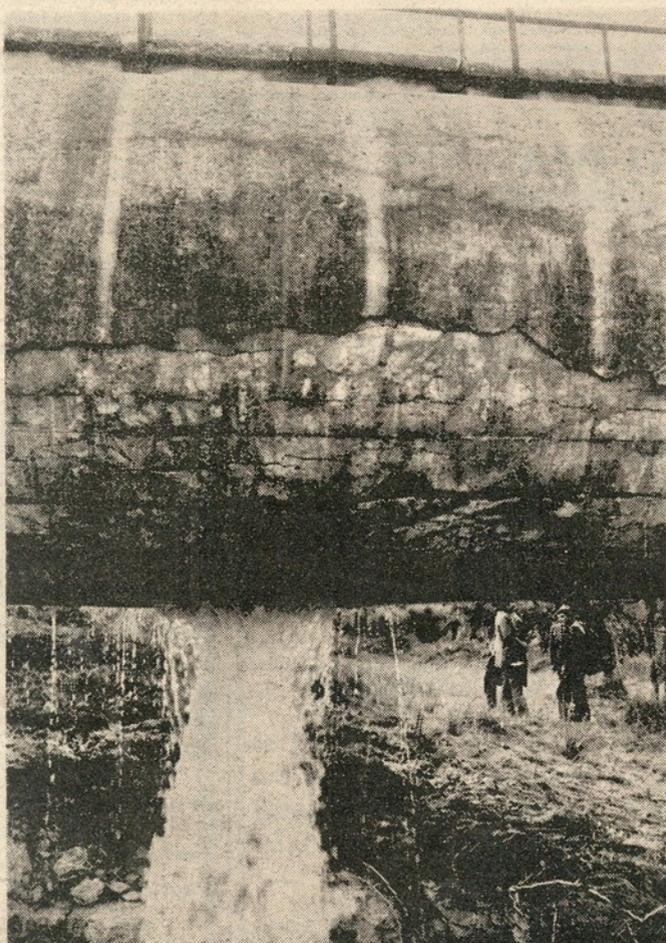


Foto de JOSÉ ANTUNES

ANUNCIOU O MINISTRO DA AGRICULTURA E PESCAS**VÃO SER ALTERADAS
AS LEIS
DA REFORMA AGRÁRIA**

- O NOVO PROGRAMA PREVÊ UM CUSTO SUPERIOR A 20 MILHÕES DE CONTOS

Pág. 9



dp especial
Eleições
para
as Autarquias

PORTO e COIMBRA**O MEDO e o CANSAÇO**

Destacável

LETRAS & ARTES

Um suplemento de 12 páginas

Salientamos:

- O PORTUGALÃO DE QUADRINHOS — polémica — por JOÃO MEDINA
- GAZETA LITERÁRIA
- DA BELEZA — Um texto poemático de CASIMIRO DE BRITO
- LIVROS ESCOLHIDOS — por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA
- CAMÕES NO SERTÃO — por VITORINO NEMÉSIO

CONCLUSÃO DO ROMANCE DE JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

*A Venezuela
poderá
receber
200 mil
refugiados
de Angola*

Eleições para as Autarquias

BRAGANÇA E VILA REAL

—DOIS DISTRITOS ESQUECIDOS...

A PRESENTAMOS, hoje, na última página deste destacável, dois quadros referentes aos distritos de Bragança e Vila Real. Estes dois distritos incluem-se no número daqueles a que se tornou impossível deslocarmo-nos, em virtude de, tal como havíamos explicado, aquando do início da publicação das reportagens dedicadas aos distritos, «o tempo de duração da campanha reduzido, para os jornais, pelos dois feriados nele incluídos, não nos ter permitido o indispensável desenvolvimento dos trabalhos dos repórteres do «D. P.», e porque os próprios quadros redatoriais deste jornal não suportariam, neste momento, a mobilização dos elementos necessários à concretização de um plano mais ambicioso e, naturalmente, mais de acordo com os nossos propósitos de levantamento geográfico do País.»

Esta opção, que não pretendia ser arbitrária, partiu de consultas feitas e teve em vista diversos problemas e questões mais prementes.

Não é, no entanto, sem uma certa mágoa que aqui deixamos aos nossos leitores uma palavra de frustração pelo facto de nos ter sido de todo impossível deslocarmo-nos a Trás-os-Montes, terra por de mais votada ao esquecimento, não só durante o anterior regime como, mesmo, depois do 25 de Abril. Terra dominada pelo caciquismo e pelas duras condições de vida em que continua a viver a maioria das suas populações. Terra escondida para lá do Douro, entrecortada por montes e vales, de grande miséria e pouco atenta ao que de

bom ou mau se passa no resto de Portugal.

O exame dos quadros dará ao leitor a perspectiva da inserção e da forma como os partidos tentaram apresentar as suas candidaturas nos dois distritos. As notas de mais interesse dizem respeito ao facto de o C. D. S. não apresentar listas em Freixo-de-Espada-a-Cinta e Vimioso e o P. S. D. em Alfândega da Fé.

Já não se respeita às freguesias, a maioria delas está coberta por candidaturas do Partido Social-Democrata e do Centro Democrático Social, os dois partidos com maior inserção nesses dois distritos. De notar, por outro lado, e grande quantidade de freguesias com menos de 300 eleitores, no distrito de Bragança, pode dizer-se, mesmo, que é o mais elevado registado em todo o País, e que dá bem conta da situação daquela região, onde de acordo com a lei, se terão de realizar inúmeros plenários de cidadãos eleitores que terão de eleger a sua Junta de Freguesia. De notar, para além disso, que não existe nos dois distritos qualquer freguesia sem qualquer lista de candidatos, o que é de saudar, pois situação idêntica não se passa noutros distritos, alguns deles bem mais próximos dos grandes centros urbanos e industriais.

Uma das mais interessantes curiosidades residirá no facto de se acausar até que ponto as populações irão ou não encerrar a participação da Frente Eleitoral Povo Unido da forma positiva, tendo em vista os resultados obtidos anteriormente naqueles distritos pelos partidos que a integram.



O MEDO E O CANSAÇO

A multiplicidade de características do distrito de Coimbra, em presença dos fenómenos físicos e geográficos que determinam a sua existência, a sua economia e o seu comportamento social, o alheamento, o cansaço, a incredulidade das gentes do distrito do Porto, e as suas carências e o caciquismo imposto às populações — são temas em foco nas reportagens que hoje publicamos, nas centrais deste destacável, dedicadas àquelas duas regiões.

Caminhamos, assim, para o termo de uma rápida e, até por isso, incompleta mas suficientemente esclarecedora amostragem do País, ou de algumas das suas zonas mais controversas, em vésperas de eleições para as autarquias locais. E também no Porto e em Coimbra, ao dar-se a palavra ao Povo, a regra do desencanto da política acabou por se confirmar — até pelas exceções constantes das reportagens...

DISTRITO DO PORTO

ELEITORES INSCRITOS: 931 227, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 17.

FREGUESIAS: 361 com mais de trezentos eleitores e 20 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. S., 40,7 • P. P. D., 27 • C. D. S., 15,7 • P. C. P., 8,4 • U. D. P., 1,5 • F. S. P., 0,5 • L. C. I., 0,3 • M. E. S., 0,3 • M. R. P. P., 0,2 • P. R. T., 0,2 • A. O. C., 0,1 • P. C. P. (m.-l.), 0,1 • Votantes, 88,2 • Abstenções, 11,8 • Votos brancos, 0,5 • Votos nulos, 3,8.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. P. M. e o P. D. C. Apresentam-se às urnas 68 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatos.

DISTRITO DE COIMBRA

ELEITORES INSCRITOS: 310 092, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 17.

FREGUESIAS: 175 com mais de trezentos eleitores e 18 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. S., 40,89 • P. P. D., 26,7 • C. D. S., 12,4 • P. C. P., 7,25 • U. D. P., 1,1 • F. S. P., 0,7 • L. C. I., 0,5 • M. R. P. P., 0,5 • Votantes, 77,42 • Abstenções, 22,2 • Votos brancos, 1,2 • Votos nulos, 5,5.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. C. P. (m.-l.), o P. D. C., o P. P. M. e o P. R. T. Apresentam-se às urnas 47 listas de cidadãos independentes, sendo 23 do concelho de Coimbra e 24 nos restantes concelhos do distrito, não havendo qualquer freguesia sem lista de candidatos.

Coordenação de CARNEIRO JACINTO • Reportagens de ROCHA PATO (Distrito de Coimbra) VITORINO DE SOUSA • TITO VAN KRIEKEN (Distrito do Porto)
Fotos de VARELA PECURTO e MANUEL TEIXEIRA

dp especial
Eleições para as Autarquias

PORTO E COIMBRA
O MEDO E O CANSAÇO

QUE se passa no Porto, a três dias das eleições para as autarquias locais? Desinteresse, alheamento, cansaço, incredulidade? Seja o que for, a verdade é que o ambiente pré-eleitoral é totalmente diferente do das três eleições feitas depois de 25 de Abril.

Nas ruas, os cartazes, pelo seu número, não chegam a chamar a atenção. As inscrições nas paredes são muito poucas. Os comícios ainda menos. O período de propaganda foi encurtado, é certo, mas há um silêncio, um quase «votar anteriormente pleno» de actividade e até efervescência. Será isto indício do quadro que vamos ver no domingo?

Mas, o Porto não é apenas a cidade e panoramas diversos se desenvolvem no segundo distrito do País, cujo espaço eleitoral tem nítida influência nos resultados. Na área urbana da cidade e concelhos vizinhos, a maioria dos cidadãos está mais ou menos bem informada politicamente, com opções fei-

foi o seu regresso pelas próprias características das eleições para as autarquias locais. Promete-se tudo. A rua, a água, a estrada, a ponte, a escola, os transportes. É fácil fazer o inventário das carências, em qualquer freguesia ou concelho.

Tal e qual como dantes, mas agora com uma agravante: todos prometem mais ou menos o mesmo. E, no entanto, ainda há quem não saiba o que significa autarquia e muitos continuam firmemente convencidos de que tudo se faz por obra e graça do Terreiro do Paço, com intervenção, mais ou menos decisiva, do senhor governador ou do senhor deputado.

É manifesta a falta de informação. E é visível o erro da abstenção da televisão e do rádio na propaganda, ou, pelo menos, no indispensável esclarecimento do povo. Meios áudio visuais nunca poderão ser afastados, em matéria de informação, de um povo onde ainda se contam por centenas de milhares, os analfabetos e onde menos de dez por cento da

gostaria de ver resolvidos e que datam de há um par de anos. Mas, infelizmente, estou desde já convencido de que, findo o mandato, não os encontrarei solucionados.

— Não acredita na boa vontade e na competência dos seus concidadãos?

— Acredito, acredito. Que diabo, eles vão tentar fazer alguma coisa. Alguns irão mesmo além das próprias forças. Mas, eu gostaria que se limitassem, mas todos, a pregar isto, apenas: amai-vos uns aos outros. Só isto e sempre isto. Tenazmente. Com calor. As ruas depois ficariam mais limpas. Não se partiriam tantos vidros dos abrigos destinados aos passageiros dos transportes colectivos. As fachadas das casas seriam outras, sem eslogans de ódio.

Chove; mesmo em «su sítio», no passeio, o peão é vítima de um jacto de água. Solta uma expressão que não lhe está no hábito, contra o automobilista. Acalma-se depois:

— Vamos lá a ver se, após as eleições, as autarquias locais acabam com os buracos nas ruas. Isto é uma vergonha. Tanto desemprego e ninguém a consertar os asfaltos. Ninguém a remover o lixo, que se encontra em locais que deviam estar sempre asseados. Ninguém a fazer algo de concreto contra a poluição sonora, que nos atordoa durante o dia, durante a noite, minuto a minuto.

— À Junta de Freguesia, pouco, muito pouco, pedirei. Isto aqui, na Maia, é diferente do Porto. Dou-me por satisfeito se a sede da Junta passar a estar localizada no centro da freguesia, não quase no extremo. A Câmara é que compete lutar pelo que nos exige mais: alargar caminhos, andar multiplicar as habitações, andar o concelho, eu sei... Dorme em Gaia apenas. Trabalha, come, diverte-se, e aflição, no Porto.

— Não sei se o meu voto útil. Mas não falta. Acredito à partida que os candidatos não são meras ilusões. Muitos deles talvez não tenham um mínimo de condições para suporem o lugar. Vão além da chinelagem. Mas não haverá grandes males. Será, para eles, para nós, eleitores, uma lição. Em democracia, um homem está sempre em crescimento. Dia a dia está mais seguro de si, da sua opinião, da sua responsabilidade. Dia a dia não permitirá que o tracasso seja como um objecto mais ou menos abstracto. Meu caro amigo, despejam obscenidades altas horas da madrugada, mas nada valendo rogar-lhes que façam local de reunião de outros, irão também viver o drástico qualquer. Nem adianta pedir socorro à esquadra mais próxima...

— O Palavrão Autarquia? — Que pensa das autarquias locais? — Olhe, eu acho que muita gente, a mais humilde, se interroga sobre o que quer dizer...

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro comum é a falta de identificação. Um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que votem claro na sua lista.

«ACABAR O COMPADRIO»

O carro eléctrico é um cacho humano. Estacionado no paragem obrigatória, mas nem uma só pessoa, de quantas o aguardavam há longos minutos, conseguem entrar.

— As autarquias locais, certamente... O candidato a passageiro dos transportes colectivos não nos deixou acabar a frase:

— Quais autarquias locais, meu caro senhor! Que podem elas contra os monopólios? Está visto que não existem transportes que bastem às necessidades da cidade, sobretudo nas horas de ponta.

Mas não há a coragem ou, se se quiser, o bom senso de pedir a colaboração de empresas privadas. Há dias em que perco duas horas para chegar a casa, distante daqui, apenas, uns quatro quilómetros.

— Vai votar certamente? Não queremos saber por que lista, nem o seu nome. Digam-nos só o que desejaria ver resolvido na cidade onde moram?

— Eu? Toda a gente, a maioria, aspira a viver numa casa que não lhe leve quase todo o ordenado. O que minha mulher ganha mensalmente vai direito para o senhorio. Dizem que os terrenos são caros e poucos. Dizem que os materiais sobem de preço todos os dias. Dizem que os trabalhadores reivindicam sempre mais elevados vencimentos. Eu cá não sou técnico de coisa nenhuma. Mas a cidade está



Falta de transportes: um dos mais sérios problemas dos portugueses, cuja solução se anuncia há anos...

população lê o jornal. Será necessário lembrarmos-nos de que as eleições para as autarquias locais adquirem um valor muito especial em zonas como o Porto, com um volume tremendo de reivindicações de carácter público das populações, quantas vezes as mais gritantes, que ficaram veladas, à espera das benesses estatais ou da conveniência política. E vai-se votar quando a apreçoada política de centra-

rias que se apresentam a sufrágio, no Porto, em número muito significativo. Lutando com evidente falta de meios e desprovidas de estruturas, a maioria sem qualquer prática de eleições, pelo delas dizer-se que se apresentam ao sufrágio despidas de qualquer intenção de conquista do poder, animadas tão-somente de puras intenções em prol da comunidade. Enfim, de tudo se infere

«O PALAVRÃO AUTARQUIA»

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro comum é a falta de identificação. Um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que votem claro na sua lista.

«ACABAR O COMPADRIO»

O carro eléctrico é um cacho humano. Estacionado no paragem obrigatória, mas nem uma só pessoa, de quantas o aguardavam há longos minutos, conseguem entrar.

— As autarquias locais, certamente... O candidato a passageiro dos transportes colectivos não nos deixou acabar a frase:

— Quais autarquias locais, meu caro senhor! Que podem elas contra os monopólios? Está visto que não existem transportes que bastem às necessidades da cidade, sobretudo nas horas de ponta.

Mas não há a coragem ou, se se quiser, o bom senso de pedir a colaboração de empresas privadas. Há dias em que perco duas horas para chegar a casa, distante daqui, apenas, uns quatro quilómetros.

— Vai votar certamente? Não queremos saber por que lista, nem o seu nome. Digam-nos só o que desejaria ver resolvido na cidade onde moram?

— Eu? Toda a gente, a maioria, aspira a viver numa casa que não lhe leve quase todo o ordenado. O que minha mulher ganha mensalmente vai direito para o senhorio. Dizem que os terrenos são caros e poucos. Dizem que os materiais sobem de preço todos os dias. Dizem que os trabalhadores reivindicam sempre mais elevados vencimentos. Eu cá não sou técnico de coisa nenhuma. Mas a cidade está

«O PALAVRÃO AUTARQUIA»

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro comum é a falta de identificação. Um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que votem claro na sua lista.

«ACABAR O COMPADRIO»

O carro eléctrico é um cacho humano. Estacionado no paragem obrigatória, mas nem uma só pessoa, de quantas o aguardavam há longos minutos, conseguem entrar.

— As autarquias locais, certamente... O candidato a passageiro dos transportes colectivos não nos deixou acabar a frase:

— Quais autarquias locais, meu caro senhor! Que podem elas contra os monopólios? Está visto que não existem transportes que bastem às necessidades da cidade, sobretudo nas horas de ponta.

Mas não há a coragem ou, se se quiser, o bom senso de pedir a colaboração de empresas privadas. Há dias em que perco duas horas para chegar a casa, distante daqui, apenas, uns quatro quilómetros.

— Vai votar certamente? Não queremos saber por que lista, nem o seu nome. Digam-nos só o que desejaria ver resolvido na cidade onde moram?

— Eu? Toda a gente, a maioria, aspira a viver numa casa que não lhe leve quase todo o ordenado. O que minha mulher ganha mensalmente vai direito para o senhorio. Dizem que os terrenos são caros e poucos. Dizem que os materiais sobem de preço todos os dias. Dizem que os trabalhadores reivindicam sempre mais elevados vencimentos. Eu cá não sou técnico de coisa nenhuma. Mas a cidade está

«O PALAVRÃO AUTARQUIA»

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro comum é a falta de identificação. Um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que votem claro na sua lista.

«ACABAR O COMPADRIO»

O carro eléctrico é um cacho humano. Estacionado no paragem obrigatória, mas nem uma só pessoa, de quantas o aguardavam há longos minutos, conseguem entrar.

— As autarquias locais, certamente... O candidato a passageiro dos transportes colectivos não nos deixou acabar a frase:

— Quais autarquias locais, meu caro senhor! Que podem elas contra os monopólios? Está visto que não existem transportes que bastem às necessidades da cidade, sobretudo nas horas de ponta.

Mas não há a coragem ou, se se quiser, o bom senso de pedir a colaboração de empresas privadas. Há dias em que perco duas horas para chegar a casa, distante daqui, apenas, uns quatro quilómetros.

— Vai votar certamente? Não queremos saber por que lista, nem o seu nome. Digam-nos só o que desejaria ver resolvido na cidade onde moram?

— Eu? Toda a gente, a maioria, aspira a viver numa casa que não lhe leve quase todo o ordenado. O que minha mulher ganha mensalmente vai direito para o senhorio. Dizem que os terrenos são caros e poucos. Dizem que os materiais sobem de preço todos os dias. Dizem que os trabalhadores reivindicam sempre mais elevados vencimentos. Eu cá não sou técnico de coisa nenhuma. Mas a cidade está

«O PALAVRÃO AUTARQUIA»

«QUEM NÃO VOTAR DEVIA SER PRESO...»

Cada partido concorrente às eleições de domingo solicita votos. Cada partido faz promessas e apresenta o seu programa. Cada partido tem uma linguagem característica. Um erro comum é a falta de identificação. Um alvo. Uma determinação. Todos fazem um apelo que ninguém falte, que ninguém fique em casa e que votem claro na sua lista.

«ACABAR O COMPADRIO»

O carro eléctrico é um cacho humano. Estacionado no paragem obrigatória, mas nem uma só pessoa, de quantas o aguardavam há longos minutos, conseguem entrar.

— As autarquias locais, certamente... O candidato a passageiro dos transportes colectivos não nos deixou acabar a frase:

— Quais autarquias locais, meu caro senhor! Que podem elas contra os monopólios? Está visto que não existem transportes que bastem às necessidades da cidade, sobretudo nas horas de ponta.

Mas não há a coragem ou, se se quiser, o bom senso de pedir a colaboração de empresas privadas. Há dias em que perco duas horas para chegar a casa, distante daqui, apenas, uns quatro quilómetros.

— Vai votar certamente? Não queremos saber por que lista, nem o seu nome. Digam-nos só o que desejaria ver resolvido na cidade onde moram?

— Eu? Toda a gente, a maioria, aspira a viver numa casa que não lhe leve quase todo o ordenado. O que minha mulher ganha mensalmente vai direito para o senhorio. Dizem que os terrenos são caros e poucos. Dizem que os materiais sobem de preço todos os dias. Dizem que os trabalhadores reivindicam sempre mais elevados vencimentos. Eu cá não sou técnico de coisa nenhuma. Mas a cidade está



«Os partidos vêm por cá, prometem muitas coisas, que finalmente não cumprem, e o povo está céptico...»

«ISTO ERA UM INFERNO»

Mas, como já referimos, o distrito de Coimbra não é só o Baixo Mondego (Pereira do Campo) e tão-pouco as localidades que ficam na zona de influência da estrada nacional nº 1, como Belide.

O distrito de Coimbra é também a beira-serra, são as muitas aldeias que se escondem entre fragas e penhascos e que por vezes, nos períodos estivais, desaparecem por entre as línguas de fogo que lhes devoraram as florestas e todos os seus parques haveres.

Dar um salto do Baixo Mondego para a freguesia de Lavegadas, no concelho de Vila Nova de Poiares, é quase mudar de planeta.

Mas fomos até lá, através de invios e declivosos caminhos, que cortam os montes calcinados de árvores erectas, negras, espectrais, cicatrizes pungentes dos gigantes incêndios do passado verão.

«Fomos aqui morrendo todos. Isto era um inferno...» — dizia-nos um homem que arroteava terra e que nos indicou o caminho.

Chegados à sede da freguesia (Igreja Nova), tivemos a sensação de que a meia dúzia de casas que rodeavam a igreja eram peças arqueológicas que povos de ruínas eras haviam abandonado e que toda a população desde há muito se havia extinguido.

Era a sede da freguesia de Lavegadas... Não se ouvia, à excepção do vento forte que soprava e da chuva que caía, um único ruído que atestasse qualquer presença humana; não se via nas ruas qualquer vulto, pelo que tivemos que bradar bem alto a nossa presença, na mira de que alguém nos apercesse.

E foi assim que nos surgiu a sr.ª Maria Júlia, vestida de negro, com os sulcos no rosto que sessenta e oito anos produziram, chaveira do cemitério e zeladora da igreja.

«Não sabemos nada de eleições, meu senhor. Aqui, na aldeia, não há nenhum rádio nem televisão. Não sabemos de nada...»

«ISTO ERA UM INFERNO»

Mas, como já referimos, o distrito de Coimbra não é só o Baixo Mondego (Pereira do Campo) e tão-pouco as localidades que ficam na zona de influência da estrada nacional nº 1, como Belide.

O distrito de Coimbra é também a beira-serra, são as muitas aldeias que se escondem entre fragas e penhascos e que por vezes, nos períodos estivais, desaparecem por entre as línguas de fogo que lhes devoraram as florestas e todos os seus parques haveres.

Dar um salto do Baixo Mondego para a freguesia de Lavegadas, no concelho de Vila Nova de Poiares, é quase mudar de planeta.

Mas fomos até lá, através de invios e declivosos caminhos, que cortam os montes calcinados de árvores erectas, negras, espectrais, cicatrizes pungentes dos gigantes incêndios do passado verão.

«Fomos aqui morrendo todos. Isto era um inferno...» — dizia-nos um homem que arroteava terra e que nos indicou o caminho.

Chegados à sede da freguesia (Igreja Nova), tivemos a sensação de que a meia dúzia de casas que rodeavam a igreja eram peças arqueológicas que povos de ruínas eras haviam abandonado e que toda a população desde há muito se havia extinguido.

Era a sede da freguesia de Lavegadas... Não se ouvia, à excepção do vento forte que soprava e da chuva que caía, um único ruído que atestasse qualquer presença humana; não se via nas ruas qualquer vulto, pelo que tivemos que bradar bem alto a nossa presença, na mira de que alguém nos apercesse.

E foi assim que nos surgiu a sr.ª Maria Júlia, vestida de negro, com os sulcos no rosto que sessenta e oito anos produziram, chaveira do cemitério e zeladora da igreja.

«Não sabemos nada de eleições, meu senhor. Aqui, na aldeia, não há nenhum rádio nem televisão. Não sabemos de nada...»

NOTÍCIAS DA CAMPANHA

A Comissão Nacional das Eleições distribuiu um comunicado a propósito da forma como tem decorrido a campanha eleitoral, mormente no que diz respeito à forma como tem procedido o partido do Governo, e no qual chama ainda a atenção da RTP e da RDP para a «necessidade de usarem do maior cuidado na elaboração dos seus programas, neste período e das entidades acima referidas para a forma como neles participam». Curiosamente, no comunicado não se faz qualquer menção ao problema surgido em torno da comunicação do primeiro-ministro, não se ficando a saber concretamente as razões que levaram a C. N. E. a tomar esta posição. Numa palavra: a C. N. E. não define se pensa que Mário Soares infringiu a lei ou não, e isso seria, sem dúvida, a função que lhe competiria.

Apresentamos, de seguida, na íntegra, o comunicado da C. N. E.:

«Tem a C. N. E. recebido protestos de partidos políticos, frentes e cidadãos acerca da realização de programas na RTP, em que, segundo esses protestos de que se têm feito eco alguns meios de comunicação social, tem sido realizada propaganda eleitoral por membros do Governo. Entende que a lei seja exigida a maior atenção no cumprimento da lei.

Neste sentido, e porque a lei proíbe o uso da rádio e da televisão para fins de campanha eleitoral, a C. N. E. não pode deixar de chamar a atenção destes órgãos de comunicação social para a necessidade de usarem do maior cuidado na elaboração dos seus programas neste período e das entidades acima referidas para a forma como neles participam.»

UTILIZAÇÃO DE INSTALAÇÕES ESCOLARES

O M. E. I. C. distribuiu uma nota oficiosa, relativa à utilização de instalações escolares em actividades eleitorais, do seguinte teor:

«Com vista a evitar situações isoladas inadequadas e eventualmente prejudiciais relativamente ao período de interrupção de aulas nos estabelecimentos de ensino em que funcionem assembleias de voto, o M. E. I. C. informa:

«Nos estabelecimentos dos en-

sinos primário, preparatório, secundário e médio em que funcionem assembleias de voto, poderão, sempre que se justificarem, ser interrompidas as actividades escolares, desde sexta-feira, dia 10, até segunda, dia 13, ambos inclusive.

Nos estabelecimentos onde não funcionem, ou mesmo que funcionem, não se torne necessário, não há qualquer suspensão de aulas.»

INCIDENTES GRAVES EM COIMBRA

COIMBRA — No Teatro Avenida desta cidade decorreu, promovida pela Federação Distrital do Partido Socialista, uma sessão de propaganda eleitoral, destinada à apresentação dos candidatos do concelho de Coimbra, que teve a presença de Sottomayor Cardia e Manuel Alegre.

Na sala, mais de uma centena de estudantes manifestavam o seu desagrado pela política do M. E. I. C., através das palavras de ordem já proferidas na manifestação nacional de Lisboa, o que levou os elementos do P. S. a reagirem contra os seus colegas contestatários, estabelecendo-se grande tumulto, sendo mesmo lançada uma grande quantidade de gás lacrimogéneo, não se sabe bem por quem.

Quando o ministro da Educação iniciou o seu discurso, o problema agravou-se e, impedi- do por uns e por decisão própria de outros, abandonaram a sala, registando-se então actos violentos.

Postados no exterior do teatro, esses mesmos estudantes, continuaram a lançar as suas palavras de ordem — «A luta continua — Cardia vem para a rua» e outras.

Foi então que surgiu um forte conteúdo da Polícia de choque, o que fez com que os presentes, excitados, bradassem — «Já vos conhecemos de 69».

Então, a força policial, fez uma carga sobre os manifestantes, dispersando-os em vários sentidos, produzindo ferimentos, embora ligeiros, em alguns dos estudantes, enquanto estes, como no passado ano de 1969, gritavam em fuga — «Assasinos, assassinos».

Finalmente, os estudantes contestatários, em número superior a duas centenas, mantiveram-se em redor do teatro, afastados por um cordão de Polícia de choque, com o fim de assistirem à saída do ministro, tendo este saído cerca das 9 horas, por uma porta lateral, sob a protecção da Polícia, sem que nada se tivesse verificado.

Este caso produziu a maior agitação e nervosismo entre os estudantes mais novos, que ainda não tinham assistido nesta cidade a um caso destes e, assim, durante grande parte da noite, mantiveram-se na Praça da República, comentando o caso, acabando por se concentrarem na Associação Académica.

Espera-se que hoje saia um comunicado sobre os acidentes.

O ministro Sottomayor Cardia, abordado pelos jornalistas antes do início da sessão, perguntado sobre se a sua presença representaria um acto de força, respondeu negativamente, «pois se trata apenas de uma campanha eleitoral, onde os dirigentes do P. S. estão presentes e, como tal, fui escalado pelo Secretariado do Partido para vir a Coimbra, como outros têm estado noutras cidades». E sobre o encerramento da Faculdade de Economia do Porto, afirmou «tratar-se de uma medida indispensável, uma vez que a Comissão Directiva provisória, constituída nos termos de um despacho do ministro baseado na lei, não pôde entrar em funcionamento».

A uma pergunta de como previa a evolução dos acontecimentos, o ministro Sottomayor Cardia respondeu prever «que tudo se há-de normalizar, aliás, já está a caminho de se normalizar». E relativamente à situação provisória do prof. Ferrer Correia como reitor, acentuou «que está a desempenhar as funções de reitor da melhor maneira, com a maior competência, o maior zelo, o melhor tacto, uma pessoa aliás que todo o País conhece, de invulgar qualidades e que está a desempenhar excelentemente as funções que legalmente lhe incumbem».

Quando o facto de ter afirmado que iria tomar medidas eficazes, considerou o caso da Faculdade de Economia do Porto «uma medida eficaz e pacífica». Quanto a outras escolas, afirmou-se contrário que isso venha a acontecer mas, «se porventura se criarem condições que impossibilitem que outras medidas se tomem para que se resalve a legalidade democrática, paciência, o que é que se há-de fazer?»

—O sr. ministro está tranquilo em Coimbra? — foi a última pergunta feita ao titular do M. E. I. C.

—Não vejo razão para que não esteja tranquilo. Estou tranquilo em toda a parte. Em primeiro lugar, porque estou tranquilo comigo próprio; e em segundo lugar, porque estou tranquilo em qualquer ponto do território nacional.

PEQUENOS INCIDENTES EM SETÚBAL

SETÚBAL — Ontem à noite, junto à entrada do pavilhão do Clube Naval Setubalense, onde se realizava um comício do Partido Socialista, e já depois deste começar, juntaram-se ali algumas dezenas de indivíduos, afectos a partidos que se autoproclamam à esquerda do P. S., profíndos disquetes e outros apupos às pessoas que para ali se dirigiam. Contudo, não chegaram a causar perturbações ao comício, uma vez que

a P. S. P. tomou posição estratégica, pelo que o grupo se disseminou sem se ter registado qualquer incidente, pois no pavilhão onde se realizava o comício — completamente cheio — ninguém se apercebeu sequer do que se passava no exterior.

INCIDENTES NUM COMÍCIO DO C. D. S. NA COSTA DE CAPARICA

Alguns feridos ligeiros terá sido o balanço dos incidentes ontem ocorridos junto ao Cinema Copacabana, na Costa de Caparica, quando alguns contramaneifestantes tentaram entrar à força na sala onde se realizava um comício promovido pelo C. D. S.

A comissão concelhia do C. D. S., que organizara a sessão, viu-se obrigada a adquirir a locação daquela sala de espectáculo para ali realizar o comício, uma vez que todas as salas públicas da zona se encontravam já cedidas a outras organizações políticas — as quais, curiosamente, não realizaram nesses locais quaisquer reuniões.

Quando se iniciava o comício, porém, alguém teria dito, à porta do cinema: «Não podemos deixar estes gajos fazer o comício», após o que se começaram a juntar algumas dezenas de contramaneifestantes, os quais mais tarde, viriam a tentar forçar a entrada na sala, obrigando a uma intervenção da P. S. P., que, prontamente restabeleceu a ordem.

25 SOCIALISTAS DO POVO UNIDO ENVIAM DOCUMENTO AO P. S.

A lista da Frente Eleitoral Povo Unido, na freguesia de Laundos, concelho da Póvoa de Varzim, contém nomes de 25 militantes do Partido Socialista, daquela freguesia.

Os 25 enviaram um documento ao Partido Socialista a justificar a sua decisão: a lista do P. S. foi elaborada sem respeito pela resolução tomada em Laundos, em reunião do núcleo local do partido. Acrescentam que a lista que foi apresentada bem como «os métodos utilizados, contra a vontade dos militantes do núcleo de Laundos não correspondem aquilo que consideram ser uma lista socialista e métodos democráticos de actuação».

O caso tem sido muito comentado não só em Laundos mas também na Póvoa de Varzim.

SÁ CARNEIRO NO PORTO

O P. S. D. levou a efeito, no Palácio de Cristal, um comício, que teve a presença de Sá Carneiro, integrado na campanha eleitoral.

Usaram da palavra Vieira da Cunha, da comissão política

distrital: Manuel Moreira, pela J. S. D., o deputado Montalvão Machado e Olivio França, cabeça da lista à Assembleia Municipal, os quais aludiram, fundamentalmente, aos problemas que urge resolver em vários sectores, nomeadamente na saúde, nos transportes e no trabalho.

Encerrando o comício, o presidente do P. S. D. começou praticamente por acentuar que «estas eleições significam um «não» ao poder popular e um «sim» ao poder local. E deveriam significar, também, uma campanha eleitoral séria, o que não aconteceu por culpa do Governo».

O orador voltou a criticar Mário Soares de ter feito propaganda pela RTP e o caso dos governadores civis «subitamente» se empenharem em percorrer as freguesias «fazendo ressurgir os métodos da U. N. e da A. N. P.».

Sá Carneiro, referindo-se ao orçamento e ao plano do Governo, afirmaria que, após a análise dos dois documentos, «temos que dizer, claramente, que o Governo não cumpre com as suas promessas, dividido como está entre as estradas e os aeroportos dos contactos internacionais de prestígio». Seguidamente, enumerou dotações previstas no orçamento para diversas cidades, como Braga, Guimarães, Aveiro, Vila Real, Bragança e Guarda, cujo montante, em nenhum dos casos, atinge, disse, «um por cento do seu total» e fez a comparação com as dotações orçamentais para Lisboa e Setúbal, respectivamente «com o valor de três e nove por cento».

Mais adiante, o presidente do P. S. D. frizaria que «contamos com um Presidente da República que continua o repositório da nossa confiança, tal como o afirmou Pires Veloso, nas comemorações do 25 de Novembro. Que está consciente das dificuldades e dos grandes problemas nacionais pois, se assim não fosse, não se teria afirmado naquela data, disposto a assumir as atribuições que a Constituição implica e explicitamente lhe conferem».

Sá Carneiro evocou, ainda, o relatório sobre as seções praticadas antes de 25 de Novembro — «um horror» — e terminou por fazer um apelo ao voto. «Não votar — afirmo — é entregar o poder, não ao povo, mas ao P. C. P., que agora dá pelo nome de Povo Unido».

F.E.P.U. IMPEDIDA DE COMPARECER NA RTP

A Frente Eleitoral Povo Unido, tendo obtido, junto de um administrador da RTP, a afirmação do seu direito de resposta aos ataques que lhe foram dirigidos pelo Dr. Mário Soares durante um programa da Televisão em que participou, viu negado esse mesmo direito

de resposta pelo mesmo administrador, que «lhes afirmou, embaraçado, não poder fazer-se a referida gravação por a Secretaria de Estado da Comunicação Social ter dado ordem em contrário por considerar essa intervenção ilegal».

Estas foram algumas das afirmações produzidas durante uma conferência de Imprensa que a F. E. P. U. convocou, com o objectivo de revelar aos órgãos da Informação o documento que iria ser lido perante as Câmaras e no qual é afirmado, nomeadamente: «Não respondemos a insinuações com novas insinuações, a calúnias com novas calúnias (...). Somos pela seriedade contra a exaltação, pelo diálogo contra a intolerância, pela seriedade contra a demagogia, pela unidade democrática contra a divisão».

Na citada conferência de Imprensa, presidida por Rui Carvalho (F. S. P.), Silva Graça (P. C. P.), José Tengarrinha (M. D. P.), Mário Ruivo (independente), e Oliveira Sá (independente), foram ainda revelados todos os passos dados pela F. E. P. U. no sentido de conseguir o pretendido direito de resposta. Assim, dirigiram-se ao Conselho da Revolução, onde foram recebidos por Pezarat Correia e Vitor Alves; ao presidente da Assembleia da República Vasco da Gama Fernandes; ao Presidente da República, onde foram recebidos pelo seu Gabinete (dado que o general Ramalho Eanes não recebe até dia 12), e à Comissão Constitucional, tendo ainda solicitado audiência ao primeiro-ministro, que até agora não respondeu. Da «demarcação» feita junto da RTP deram também conta com os resultados inicialmente relatados.

Entretanto, mais tarde, uma delegação da F. E. P. U. foi recebida pelo subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro, sendo-lhes uma vez mais referida a impossibilidade de utilização da RTP pelos partidos e frentes eleitorais concorrentes às eleições para as autarquias, ponto em que «a lei eleitoral é bem explícita».

C.D.S.: «A RTP NÃO É UM BRINQUEDO DO GOVERNO»

O secretariado da Comissão Política do C. D. S. enviou um telegrama ao Presidente da República ao Conselho da Revolução, à Assembleia da República, ao provedor de Justiça, e à Comissão Nacional das Eleições, protestando pelo aparecimento prolongado, em pleno período de campanha eleitoral, de Mário Soares na televisão. O C. D. S. reclama o respeito da igualdade entre os partidos e exige a concessão de tempo de antena na televisão, compensatório dos partidos que foram prejudicados, de forma a eliminar a discriminação informativa de que foram alvo.

DISTRITO DE BRAGANÇA

ELEITORES INSCRITOS: 121 141, número referente a Junho de 1976.
 CONCELHOS: 12.
 FREGUESIAS: 153 com mais de trezentos eleitores e 145 com menos de trezentos eleitores.
 PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. P. D., 33,2 • C. D. S., 28,3 • P. S., 22,6 • P. C. P., 2,7 • F. S. P., 1 • U. D. P., 0,8 • M. E. S., 0,4 • Votantes, 78,8 • Abstenções, 21,2 • Votos brancos, 1,2 • Votos nulos, 6.
 CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. D. C., o M. R. P. P., o P. P. M., o P. C. P. (m.-l.) e a L. C. I. Apresentam-se às urnas 5 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatos.

DISTRITO DE VILA REAL

ELEITORES INSCRITOS: 168 857, número referente a Junho de 1976.
 CONCELHOS: 14.
 FREGUESIAS: 193 com mais de trezentos eleitores e 69 com menos de trezentos eleitores.
 PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. P. D., 39 • P. S., 26,2 • C. D. S., 18,3 • P. C. P., 3,1 • U. D. P., 0,9 • M. E. S., 0,7 • F. S. P., 0,5 • M. R. P. P., 0,4 • P. P. M., 0,8 • Votantes, 77,8 • Abstenções, 22,2 • Votos brancos, 1,1 • Votos nulos, 6,4.
 CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito a L. C. I., o P. P. M., o P. C. P. (m.-l.), o P. D. C. e o P. R. T. Apresentam-se às urnas 8 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatos.